

O olhar da emigração: transculturação, auto-etnografia e anticonquista no prefácio a *Cantos Matutinos* de Francisco Gomes de Amorim.¹

Emigration Eyes: transculturation, auto ethnography and anticonquest in the introduction of *Cantos Matutinos* by Francisco Gomes de Amorim

Martina Matozzi

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS – UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL

martinamatozzi@ces.uc.pt

Neste artigo analiso o prefácio autobiográfico do livro de poemas *Cantos Matutinos* (1858) de Francisco Gomes de Amorim, no qual o autor conta o percurso migratório que viveu na pele numa condição de subalternidade. Nesta narrativa o poeta reproduz o compêndio discursivo do cânone literário português para narrar uma experiência, a da emigração económica, nele ainda não inteiramente contemplada. Tratando-se de uma narrativa de viagem, para a análise deste texto usarei as ferramentas conceituais do livro *Os Olhos do Império. Relatos de Viagens e Transculturação* de Mary Louise Pratt, referentes aos fenómenos que resultam das vivências em zonas de contacto: transculturação, autoetnografia e anti-conquista. O poeta escreve de volta para o centro (Portugal) e oferece aos leitores do seu país uma história que usa e em parte subverte o cânone literário do tempo em que escreve. No final do artigo proponho a comparação com outras representações literárias da figura do emigrante português da mesma época.

Palavras-chave: Francisco Gomes de Amorim; Emigração Portuguesa; Século XIX; Transculturação; Auto-Etnografia; Anticonquista.

In this essay I examine the autobiographical introduction of Francisco Gomes de Amorim's poetry book *Cantos Matutinos* (1858), a migration story where the poet tells the emigration experience of his travel to Brazil in a subaltern condition.

In this tale the poet tells his emigration experience between the reproduction of the discursive compendium of the Portuguese literary canon and the effort to describe an original theme: the experience of economic migration. The introduction could be considered an example of travel literature and, for this reason, I will use some conceptual tools from Mary Louise Pratt's book *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, related to the phenomena that takes place in a contact zone: transculturation, autoethnography and anti-conquest. In fact, the poet writes back to the centre (Portugal), giving to the readers of his country a tale that utilizes and partly subverts the literary canon of his period. Finally, I will compare his narrative with other literary representations of emigrants of the same epoch.

Keywords: Francisco Gomes de Amorim; Portuguese Emigration; 19th Century; Transculturation; Autoethnography; Anticonquest.

¹ Este artigo resulta do trabalho desenvolvido no âmbito do projeto "Portugueses de Torna-Viagem. A Representação da Emigração na Literatura Portuguesa" do doutoramento Patrimónios de Influência Portuguesa (Centro de Estudos Sociais e Instituto de Investigação Interdisciplinar - Universidade de Coimbra). A pesquisa foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a Bolsa de Doutoramento SFRH / BD / 78581 / 2011.

Martina Matozzi is a post-doctoral researcher, member of the “Humanities, Migration and Peace Studies” (NHUMEP) Research Group of the Centre for Social Studies in the University of Coimbra. MA in Modern Languages and Intercultural Studies, University of Siena (2010) and PhD in Heritage of Portuguese Influence (Cultural Studies), University of Coimbra (2016). Her research is focused on literature representations of migration in Portuguese Literature, reflecting on topics such as identity, culture, memory and counter-memory. She has recently worked as research collaborator in the Heritage of Portuguese Influence Project (University of Coimbra) (<http://www.patrimonios.pt>) and she is currently working as research collaborator in the MEMOIRS Project, University of Coimbra), Consolidator Grant, awarded by European Research Council (ERC), coordinated by Margarida Calafate Ribeiro (<http://memoirs.ces.uc.pt>).
http://www.ces.uc.pt/investigadores/index.php?action=bio&id_investigador=487

0. Introdução:

Francisco Gomes de Amorim, emigrante aos nove anos de idade

Tinha eu pouco mais de nove anos quando algumas leis repressivas do tráfico dos pretos encaminharam a especulação dos negreiros para o comércio de escravos brancos. A Inglaterra usava da sua influência sobre Portugal, e os traficantes não se tinham ainda lembrado de inspirar às autoridades da África portuguesa o patriótico pensamento de se associarem com eles, para se vingarem da pressão exercida pelos ingleses sobre o seu innocente negócio.

Francisco Gomes de Amorim, *Cantos Matutinos*

Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), poeta romântico de origem minhota, emigrou em criança para o Brasil, em 1837, como “filho do navio” (Carvalho, 2000: 46), isto é, em clandestinidade, acompanhado por um irmão dois anos mais velho. A emigração de menores de catorze anos era, de resto, muito comum nesta altura, tratando-se de mão-de-obra altamente rentável e mais barata que os escravos: “Mal remunerados, objeto de mau tratos frequentes nas fazendas, a sua situação era igualmente difícil nas cidades, onde o desemprego os arrastava facilmente para a delinquência.” (Pereira, 2002: 42).

Gomes de Amorim trabalhou como caixeiro em Belém do Pará, ao serviço de um rico comerciante. Foi daí despedido por má conduta, resolveu nesta ocasião aprender a ler e a escrever e, pouco tempo depois, foi para a Floresta Amazónica onde viveu cerca de quatro anos ao serviço de diversos senhores e desempenhando vários trabalhos: “(...) ora carpinteiro, ora plantador, ora remador, segundo as conveniências do seu serviço, e nem sempre lhe davam de comer (...)” (Carvalho, 2000: 129, 130). No terceiro ano que passou na selva, escreveu duas cartas a Almeida Garrett mostrando-lhe a admiração que nutria pela sua obra que tivera oportunidade de ler no Brasil, contando as suas desventuras e pedindo apoio para ser repatriado.² Quando regressou a Portugal, em 1846, Almeida Garrett tornou-se seu protetor literário e dele Gomes de Amorim escreveu uma apreciada biografia (cf. Saraiva e Lopes, 2008: 761, 762).

Conhecido sob a alcunha de “poeta operário”, participou ativamente na vida política nacional e produziu uma considerável obra poética, narrativa e teatral em que a emigração é tema recorrente.

O presente artigo tem como objetivo analisar o prefácio ao seu livro de poemas intitulado *Cantos Matutinos*, publicado em 1858, em que consta o testemunho da experiência migratória vivida na pele pelo mesmo escritor, um emigrante económico português numa condição de subalternidade.

1. Emigrar de Portugal para o Brasil durante o século XIX

Quando é que o fenómeno histórico da colonização passa a ser uma sobrevivência? Quando é que o emigrante-colono, tradicional no contexto de uma área mundial dominada por uma metrópole europeia, como no caso do império português, se transforma também numa sobrevivência? Quando é que novos condicionalismos sócio-económicos impelem números crescentes de indivíduos a expatriarem-se para qualquer parte, onde exista a esperança da promoção, inviável no «pátrio chão»?

Joel Serrão, *A Emigração Portuguesa*

A experiência migratória contada no prefácio em estudo enquadra-se no contexto do aumento dos fluxos migratórios de Portugal para a América do Sul, para o Brasil, em particular, durante o século XIX.

Neste âmbito, será necessário destacar algumas características históricas dos fluxos migratórios portugueses relativos à época em questão, bem como considerar os aspetos

² As cartas de Francisco Gomes de Amorim a Almeida Garrett foram escritas em julho e janeiro de 1845. Estas, assim como a resposta de Almeida Garrett, podem ser lidas in Carvalho, 2000: pp. 229-234.

relativos à percepção do Brasil “como uma caução do colonialismo português”, usando aqui uma expressão de Eduardo Lourenço (2014: 21-35) e tendo, portanto, em conta o alcance que atinge a “existência imperial”, real e imaginada, presente na cultura portuguesa.

A emigração do século XIX tem uma evidente continuidade colonial, inaugurada pela expansão quinhentista, registrando vários momentos de aumentos das partidas para o alémar, como tinha acontecido, por exemplo, a partir do final do século XVII e ao longo de todo o século XVIII, com a corrida ao ouro na região de Minas Gerais. Sendo possível considerá-la uma permanência estrutural da sociedade portuguesa desde, pelo menos, o século XV, como demonstraram os estudos pioneiros de Joel Serrão (1974) e de Vitorino Magalhães Godinho (1978), ao mesmo tempo, é possível constatar, como tem apontado o estudo de Miriam Halpern Pereira (2002), que, no século XIX, o fenómeno adquiriu características novas. Isto é, os fluxos migratórios integraram-se no contexto mais amplo da emigração europeia oitocentista como efeito da lenta extinção do tráfico negreiro, das políticas de branqueamento das nações americanas recém-independentes, e a par da implementação da nau a vapor, que facilitou os fluxos transoceânicos.

Dito de outra forma, se desde o início da expansão até meados do século XIX a emigração europeia tinha maioritariamente desempenhado a função de enquadramento socioeconómico e administrativo da sociedade colonial, baseada no trabalho escravo, a abolição da escravatura colocou os países americanos diante da necessidade de substituir (cf. Pereira, 2002: 17). É neste momento que tem início uma “emigração em grande escala” (Idem: 17). Neste contexto, a emigração portuguesa para o Brasil deixou de fornecer este enquadramento, tornando-se a principal fonte de mão-de-obra utilizada e distinguindo-se dos fluxos migratórios que provinham do norte da Europa. De facto, enquanto “[n]os países industrializados a emigração permitiu diminuir o desemprego e o pauperismo inerentes à industrialização oitocentista (...)”, nos países da “(...) Europa Mediterrânica, a corrente emigratória integra-se no condicionalismo particular a que a desagregação da sociedade de Antigo Regime estava ali sujeita, proveniente do desenvolvimento desigual do capitalismo e da inerente dependência externa.” (Idem: 18).

O percurso migratório de Francisco Gomes de Amorim, que provinha de uma região do norte de Portugal cuja tradição migratória, como demonstram vários estudos históricos além dos suprarreferidos (cf. Alves, 1993; cf. Bethencourt e Chaudhuri, 1998: 16 e 100, 101), estava enraizada há séculos, insere-se portanto no quadro aqui esboçado, visto que o poeta emigrou para o Brasil para fugir à pobreza do local onde nasceu, acabando por servir de mão-de-obra a baixo custo no país sul-americano.

Será ainda preciso chamar a atenção para os aspetos concernentes à percepção do Brasil tendo em conta a projeção de uma “existência imperial”, real e imaginada, presente na cultura portuguesa. Como afirma Eduardo Lourenço, o emigrante português prolonga no Brasil a presença colonizadora do seu país de origem, aí encontrando “(...) possibilidades que a Europa não lhe fornece (...)” e permanecendo “(...) numa imensa casa onde se fala com doçura a sua própria língua.” (Lourenço, 1999: 50). O país recém- independente (desde 1822) transforma-se assim num espaço idealizado que adquire maior importância simbólica após a sua perda.

O Brasil, como a Índia durante uma época, como a África no final, acrescentavam-se, na imaginação do português cultivado (e por contágio nos outros), ao pequeno país para lhe dar uma *dimensão mágica* e através dela se constituírem como espaços compensatórios (Lourenço, 2013: 45)

O Brasil como “espaço compensatório”, ou como foi chamado por Fernando Pessoa no seu entendimento do “imperialismo cultural”, como uma “colónia espiritual” (1978: 233) representava, portanto, uma terra selvagem, exótica, rica e ainda por desbravar (cf. Machado, 2005: 51), embora passe a constituir, a partir do século XIX, também o principal destino da

emigração económica do país. Para o potencial emigrante português este país era um “espaço mágico de enriquecimento” (Oliveira, 2004: 8), onde talvez fosse possível projetar as ambições e os sonhos de uma vida melhor, como ainda permanece evidente no romance *Emigrantes* (1928) de Ferreira de Castro:

Palavra mágica, o Brasil exercia ali um perene sortilégio e só a sua evocação era motivo de visões esplendorosas, de opulências deslumbrantes e vidas liberadas. Sujeitos ao ganha-pão diário, sofrendo existência mesquinha, os lugarejos sonhavam redimir-se, desde as veigas em flor ao dorso das serranias, pelo oiro conquistado no país distante. (Castro, 1946: 30)

2. O olhar da emigração de Francisco Gomes de Amorim

(...) *Confiei meu fado escuro*
Ao céu puro
Da solidão
Mas o ar da terra estranha
Na montanha
É um vulcão (...)
Francisco Gomes de Amorim, *Cantos Matutinos*

Tratando-se de uma narrativa de viagem, o prefácio aqui objeto de análise pode ser interpretado à luz das ferramentas conceituais que Mary Louise Pratt usa no estudo intitulado *Os Olhos do Império. Relatos de Viagem e Transculturação*, referentes aos fenómenos que resultam das vivências em zonas de contacto: transculturação, anticonquista e auto-etnografia. No livro referido, a estudiosa apresenta uma investigação sobre a literatura de viagem europeia do século XVIII até meados do século XX. Através da análise de um vasto compêndio discursivo fruto das diferentes “manifestações das zonas de contacto”, construía-se, segundo a autora, uma consciência planetária e eurocêntrica do “resto do mundo”, oferecida aos leitores europeus através de uma indústria editorial altamente rentável e forçosamente proposta, numa relação de poder transcultural e assimétrico, como modelo discursivo para os povos dominados e, mais tarde, para as classes crioulas sul-americanas (cf. Pratt, 1999: 195-229).

As zonas de contacto são espaços sociais em que culturas diversas interagem, estabelecendo uma ligação de relações desiguais, de dominação e subordinação (idem: 27) e assim gerando diversas manifestações, entre as quais a transculturação, conceito usado pelos etnógrafos para descrever os grupos marginalizados ou subalternos que constroem o próprio discurso apropriando-se, filtrando e reformulando o discurso dominante. Mas também o contrário, isto é, a forma como o discurso dominante se apropria do discurso do “outro”, gerando, por consequência, uma reflexão às avessas que Mary Louise Pratt interroga da seguinte forma:

Como modos metropolitanos de representação são recebidos e apropriados pela periferia? Essa questão engendra outra, talvez mais herética: no que se refere à representação, como se falar de transculturação das colónias para a metrópole? (...) Em que medida as construções europeias sobre outros subordinados teriam sido moldadas por estes últimos, através da construção de si próprios e de seu ambiente, tal como eles os apresentam aos europeus? (Idem: 31)

Outras manifestações da zona de contacto são a auto-etnografia, que exprime a necessidade de autorrepresentação do sujeito subalterno de forma comprometida com os termos do colonizador (Idem: 35), e a anticonquista, com a qual se entendem as estratégias de representação usadas pelos agentes europeus para salvaguardar a sua própria posição de poder, recorrendo a uma retórica imperial que os coloca numa posição de inocência (Idem:

32-33).

Mesmo colocando o uso destes conceitos operativos em contextos e temporalidades coloniais diferentes, referindo a dualidade constante entre a presença europeia como colonizadora e a dos povos autóctones, e diaspóricos, subalternizados — da América do Sul à África Subsaariana — Mary Louise Pratt admite que alguns tipos de estratégias de formulação discursiva que têm lugar nas zonas de contacto podem também estar presentes em escritos europeus sobre a Europa, ou em outros contextos:

Leitores de livros europeus de viagens sobre a própria Europa têm observado que muitas das convenções e estratégias narrativas que associo ao expansionismo imperial também caracterizam escritos sobre a Europa. (...) Os discursos que legitimam a autoridade burguesa e desautorizam o modo de vida camponês e de subsistência, por exemplo, podem desempenhar a mesma tarefa ideológica na Europa como no sul da África ou Argentina. (Idem: 37)

À luz desta afirmação e das anteriores considerações sobre o momento histórico em que Gomes de Amorim passou pela experiência migratória, será portanto possível considerar a hipótese de que, no prefácio aqui em análise, as várias manifestações da zona de contacto se fundem no discurso do escritor. Com uma especificidade que é necessário realçar: o escritor europeu e branco usa e seleciona o discurso imperial, isto é, o discurso a que ele tem acesso e que aprende na sua formação cultural, para descrever uma situação de subalternidade que não presenciou enquanto observador, cientista ou viajante europeu — como no caso dos textos que Mary Louise Pratt analisa no seu estudo, nos capítulos dedicados, precisamente, ao olhar europeu imperial —³, mas que viveu na pele, enquanto emigrante económico.

Portanto, por um lado, é possível identificar um olhar europeu que produz um relato de viagem para ser lido na Europa e, por outro lado, depreende-se um olhar numa posição de subalternidade: a voz ambivalente de um representante de um povo empobrecido que escolhe emigrar, em que o autor se inclui sob a definição coletiva de “escravos brancos” (Amorim, 1874a: 29). Em outras palavras, Gomes de Amorim usa e seleciona o discurso imperial, ou seja, o discurso do poder, e a que tem acesso, para descrever a situação de subalternidade que viveu na pele.

Tratar-se-á, em suma, de um texto produzido no contexto de uma cultura de fronteira e, a este propósito, será necessário evidenciar a posição “interidentitária” que está patente no texto aqui em análise, refletindo sobre as especificidades do colonialismo português através do ensaio “Entre Próspero e Caliban. Colonialismo. Pós-colonialismo e Interidentidade” (2002) de Boaventura de Sousa Santos. Considerando que, na sua condição semiperiférica, Portugal foi ao mesmo tempo colonizador e colonizado, no texto de Gomes de Amorim será possível deparar com um sujeito a viver na condição de anticonquistador e herói romântico (refletindo assim o olhar imperial, isto é, de Próspero) e, ao mesmo tempo, na condição de subalterno que usa de forma comprometida o discurso do primeiro (refletindo assim o olhar de um emigrante económico, isto é, de Caliban). Tudo no cenário de um Brasil já não colónia efetiva, mas que ainda preserva a sua “dimensão mágica” (Lourenço, 2013: 45) no contexto cultural português.

³ Vejam-se os capítulos de 2 a 8 do estudo de Pratt, 1999: 41-335.

3. O compêndio discursivo do prefácio de Francisco Gomes de Amorim

*(...) Já mil vezes nestas plagas
E nas vagas
A morte vi!
Lutei com o mar e os ventos
Os tormentos
Todos venci! (...)*

Francisco Gomes de Amorim, *Cantos Matutinos*

Dentro do compêndio discursivo a que Gomes de Amorim recorre na sua narrativa é possível reconhecer o modelo de uma literatura de sobrevivência que engloba a narrativa de navegação com os seus sofrimentos e perigos, bem como a descrição de um mundo desconhecido e exótico que, em parte, introduz uma narrativa de história natural, no momento em que o autor descreve a Floresta Amazônica.

É dentro do modelo de uma literatura de sobrevivência que é possível detetar a denúncia da condição subalterna do emigrante português que, mesmo imaginando o Brasil como um “espaço mágico de enriquecimento” (Oliveira, 2004: 8), um “espaço compensatório” (Lourenço, 2013: 45), naquele momento histórico vai para lá substituir o trabalho escravo. Neste contexto, o emigrante pode ser considerado um sujeito subalterno⁴, detentor de uma condição diferente no que diz respeito aos emigrantes dos países industrializados, aos escravos que vai substituir, ou a outros tipos de viajantes europeus⁵. Esta oscilação e a ambiguidade que é possível notar entre a continuidade colonial da emigração portuguesa e as alterações das suas características a partir de meados do século XIX, refletem-se também no âmbito da suas representações literárias, como agora me proponho demonstrar.

No trecho que cito a seguir, é possível observar a descrição das redes dos agentes da emigração em Portugal, que confirmam os estudos da historiadora Miriam Halpern Pereira (2002: 33-43) sobre as políticas ambíguas e restritivas da emigração portuguesa para o Brasil, bem como sobre a complexa composição das redes de engajadores.

Os negreiros correram pois para o continente do reino e ilhas dos Açores; e, dentro em pouco, os mercados do Brasil abundaram novamente em carne humana, com grande vantagem para os consumidores, que podiam comprar escravos brancos mais baratos do que pretos. (Amorim, 1874a: 29)

A este propósito, leia-se ainda a seguinte passagem sobre a negociação de portugueses, entre os quais Gomes de Amorim, em Belém do Pará.

Depois de uma viagem, em que não faltaram a fome, a sede, as calmas e as tormentas, chegamos a essa formosa terra de Santa Maria de Belém do Pará (...). Apenas desembarcamos, formaram-nos em turmas nos cais da alfandega, para que os negociantes da cidade viessem escolher d’entre nós os que mais lhe agradassem. Eu estava ali, sem saber para quê, no meio de grande multidão de gente de todas as cores, que parecia escarnecer de mim e dos meus compatriotas. (Amorim, 1874a: 35, 36)

O poeta estrutura a sua narrativa adotando o modelo das crônicas de viagem coloniais da

⁴ Na cultura do homem dominado é preciso incluir também “[...] a do emigrante pobre que vem do país do colonizador.” (Capinha, 2014: 16).

⁵ Neste contexto veja-se a distinção que Robin Cohen propõe entre os emigrantes europeus e os não europeus, que não se aplica na totalidade ao caso português, como corrobora a reflexão de Miriam Halpern Pereira antes referida (2002: 17-19). Concordando com a distinção proposta entre “escravos” e “contratados”, no caso português não é possível concordar totalmente com as hipóteses de Cohen: “In the plantation societies established by European mercantilism, indentured labourers were highly disadvantaged by the terms of their contracts and even after they had served out their indentures, they were able only to obtain the status of colonial subject. Their descendants had to await the process of decolonization to reach citizenship and even then many experienced discrimination and expulsions as a result of the restricted definitions of nationality that emerged. By contrast, those European migrants who successfully established dominion societies appropriated the boundaries of nationality and citizenship for themselves, normally at the expense of the native peoples and sometimes at the expense of non-European migrants.” (Cohen, 1996: 27).

tradição literária portuguesa (cf. Ribeiro, 1998: 123). A descrição do mercado de escravos em Belém, que se compunha de “gentes de todas as cores”, entre as quais a branca do português, parece-se com a descrição do mercado de escravos algarvio retratado por Gomes Eanes de Zurara no século XV na *Crónica da Guiné* (1978-1981).

No outro dia (...) começaram os mareantes de aparelhar seus bateis e [de] tirar aqueles cativos para os levarem, segundo lhes fora mandado. Os quais postos juntamente naquele campo, era uma maravilhosa coisa de ver: porque entre eles havia alguns de razoada brancura, formosos e apostos; outros menos brancos, que queriam semelhar pardos; outros tão negros como Etiópios (...) (Zurara, 1978-1981: s./p.)

Ao mesmo tempo, a descrição da viagem onde não faltaram “a fome, a sede, as calmas e as tormentas”, levam-me a pensar numa possível comparação com muitos trechos das crónicas compiladas na *História Trágico-Marítima* ou ainda com *Os Lusíadas* ou a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

E tomado por princípio desta minha peregrinação o que passei neste reino, digo que depois que passei a vida até ida de dez ou doze anos na miséria e estreiteza da pobre casa de meu pai na vila de Montemor-o-Velho, um tio meu, parece que desejoso de me encaminhar para melhor fortuna, me trouxe à cidade de Lisboa e me pôs no serviço de uma senhora de geração assaz nobre (...) (Pinto, 1983: 20).

O modelo de narração que Gomes de Amorim cria para relatar as razões da sua partida remete a nível estilístico e, em parte, a nível temático, para a *Peregrinação*. Note-se, por exemplo, que o autor se define um “rapaz endiabrado e picaresco” (Amorim, 1874a: 40) e atente-se a mais um trecho do prefácio, comparável com o *incipit* da narrativa quinhentista: “Em vista do meu pedido, todos puseram as mãos na cabeça, e tornaram minha mãe responsável, perante o céu e a terra, pelas desgraças que de futuro me sucederam, se ela consentisse tamanha loucura.” (Amorim, 1874a: 34).

O prefácio foi redigido por um escritor já bastante experiente à data da sua elaboração e publicação na coletânea de poemas, que começou a sua formação cultural precisamente durante a experiência migratória, cultivando-a após o seu regresso a Portugal, onde também terá apurado a sua escrita. Da leitura das cartas dirigidas a Almeida Garrett, escritas em 1845, de facto, é ainda possível verificar uma certa rudeza formal (cf. Carvalho, 2000: 79). E no prefácio a sua inicial falta de literacia torna-se explícita:

Ao completar os meus doze anos, envergonhei-me por não saber ler, e apliquei-me ao estudo com tanta dedicação, que consegui aprender em poucos meses. (...) Eu não lia só para mim; queria auditório, e era pouco escrupuloso na escolha dele! A quantos pretos, tapuyos e mulatos apanhava, nas ocasiões que meu patrão saía de casa, comprazia-me em ler a morte de Roldão (...) (Amorim, 1874a: 40)

Posto isto, o facto de o poeta ter começado a sua formação num contexto migratório é um dado importante e a ter em conta para a perceção da sua escrita. Gomes de Amorim diz no prefácio que o primeiro livro que leu foi a *História de Carlos Magno*, também, não por acaso, leitura predileta de Gonçalves Dias, poeta romântico brasileiro, com uma obra de cunho americanista e indianista em parte escrita em Coimbra (pense-se na sua poesia mais conhecida, a *Canção do Exílio*) (cf. Ribeiro e Oliveira, 2000: X). De resto, como sugere Mary Louise Pratt, o romantismo enquanto corrente literária ultrapassa os limites da Europa e deveria ser pensado no contexto da sua produção sincrónica europeia e americana e não, exclusivamente, como uma projecção unilateral eurocêntrica sobre a América (cf. Pratt, 1999: 238).

Foi no Brasil que Gomes de Amorim leu pela primeira vez os clássicos portugueses, como *Os Lusíadas* ou *Camões* de Almeida Garrett, aprendendo, como o mesmo declara, a ver a floresta com os olhos do romantismo.

Aquele poema transformou-me repentinamente, e sem eu saber como: principiei a ver debaixo de outro aspecto os rios, os lagos, as florestas e as montanhas. Pareceu-me que as flores derramavam maior perfume e se vestiam de mais vivas cores (...) (Amorim, 1874a: 44)

No Brasil o poeta terá também tomado conhecimento da região amazônica, escrevendo-a “mentalmente”, como nota Costa Carvalho (2000: 79). Mais tarde, em Portugal, terá adquirido uma compreensão mais aprofundada do compêndio discursivo que foi o instrumento crucial para contar a sua história de vida. “Amorim conta o tempo pelo cair das folhas, ou pelo frutificar das plantas, como os de Chateaubriand e de outros autores franceses (...)”, afirma Maria Aparecida Ribeiro (1998: 136) num estudo sobre a obra do poeta. Com efeito, atente-se ao seguinte trecho do prefácio:

Familiarizei-me depressa com a presença da onça, do tigre e do tamanduá; com as mil variedades de serpentes e jacarés; com os gentios de varias tribos, e com a sua existência, costumes e festins bárbaros. (...) dentro de pouco a cor da minha pele era igual à dos tapuyos; deixei a espingarda pela frecha; a língua portuguesa pela dos tupis; preferi, enfim, os costumes selvagens aos do homem civilizado, e comecei a correr pelos bosques, como o tinha feito nos campos do Minho. (Amorim, 1874a: 43)

4. Ambivalências e amnésias transculturais

(...) *Do meu país distante,
E cheio de saudade,
A divagar errante,
Por triste soledade*

*Vou traduzir do rio,
Na voz da minha lira,
O rude murmúrio
Que seu poder lhe inspira (...)*

Francisco Gomes de Amorim, *Cantos Matutinos*

De uma tensão entre um olhar imperial de anticonquista e um outro de auto-etnografia que se apropria do primeiro para dar voz a uma condição de subalternidade vivida na pele acaba por gerar-se o olhar transcultural e ambivalente de um emigrante português no Brasil na primeira metade do século XIX. O poeta tornou-se um afirmado autor não só de poesia, prosa e teatro, mas também de textos de história natural sobre o Brasil, como demonstram as inúmeras notas das suas peças teatrais, entre as quais se destacam *Ódio de Raça* (1869) e *O Cedro Vermelho* (1874b) ou ainda *Viagens pelo Interior do Brasil*, publicadas em *Artes e Letras* (cf. Ribeiro, 1998: 123-124). Nestas obras a temática migratória está quase sempre presente. Todavia, é no prefácio a *Cantos Matutinos* que é descrita, na primeira pessoa, uma condição social até o momento não assumida como tal no panorama literário português: a de um português no Brasil como um emigrante económico, isto é, um subalterno, mesmo quando ele, como no caso de Gomes de Amorim, provém do país outrora colonizador.

A posição do escritor referente à questão da emigração manter-se-á sempre bastante polémica, apesar de por vezes contraditória, como se nota em vários escritos da sua autoria, entre os quais este trecho retirado de uma carta de 1889:

Eu que emigrei aos dez anos de idade para o Brasil, depois do meu regresso tenho tentado todos os modos e meios de fazer propaganda contra a emigração (...) Conheço praticamente os resultados e consequências da emigração; e por isso a tenho combatido sempre, em jornais, em dramas e nos meus modestos livros (Amorim, 1889 *apud* Carvalho, 2000: 389)

Note-se, porém, que na luta contra a emigração que o escritor teceu através da divulgação da sua obra literária, ele promovia, na veste de um homem europeu branco (anticonquistador),

a emigração para as colónias africanas como parte integrante da geografia e da projeção imperial portuguesa. No momento de pleno apogeu da Geração de 70, Gomes de Amorim desvendava os enganos do Brasil como colónia mental dos portugueses e divulgava a transferência da dimensão imperial “mágica” (Lourenço, 2013:45) do Brasil para os domínios coloniais que ainda se encontravam sob o controlo português.

Em vez de ir fecundar os vastos domínios ultramarinos, que ainda possuímos, e que se finam à minguada do impulso protector, o nosso povo desampara os seus campos, a família, o lar, e corre – não para as Índias, onde fomos tão grandes e ricos, nem para a África, onde poderíamos tornar a ser fortes e temidos – mas para o Brasil que é a terra dos seus sonhos doirados, o país da sua imaginosa fantasia. (Amorim, 1876 *in Frutos de Vário Sabor*, Lisboa: Imprensa Nacional: 19; *apud* Carvalho, 2000: 166).

Voltando aos trechos antes referidos do prefácio, será possível deparar como o narrador se coloca em relação à população indígena e preta: no mercado de escravos, a posição dele e dos seus compatriotas no meio de uma multidão “de todas as cores” é “escarnecida” (Amorim, 1874a: 35, 36). Da mesma forma, o narrador diz que se “familiarizou” com os costumes bárbaros, mas mesmo preferindo-os aos do homem civilizado, ele compara estes dois mundos com a infância que o mesmo viveu em Portugal, isto é, com uma época de inocência, reproduzindo assim a inocência imperial típica do discurso de anticonquista. Esclarecedora, a este ponto, é a interpretação de Maria Aparecida Ribeiro e Fernando Matos Oliveira sobre o “vínculo colonial” presente na obra de Gomes de Amorim:

A interpretação do vínculo colonial (...) deve, pois, articular-se com este condicionamento prévio — o dos códigos literários e pessoais — sob pena de falhar o alvo. Note-se que a emigração económica de Amorim não deixa de incluir a sua escrita no âmbito de uma viagem coincidente com a do curso dos bens simbólicos da era imperial: o europeu regressa à metrópole tocado pela experiência do outro, mas é sobretudo a sua identidade que se joga na escrita posterior desse Novo Mundo. (Ribeiro e Oliveira, 2000: XXI)

A posição que o sujeito assume poderá ser então interpretada como uma tentativa de identificação com outros sujeitos subalternizados, mas através de uma sobreposição de vozes que dá origem ao olhar transcultural ambivalente que caracteriza a sua escrita. Veja-se este trecho da peça teatral *Ódio de Raça* onde se diz, acerca de um personagem preto: “(...) é pena que seja preto, porque tem alma de branco (...)” (*apud* Carvalho, 2000: 109).

5. Em jeito de conclusão: narrativas de emigração na literatura portuguesa do século XIX

Há quem julgue que os quatrocentos ou quinhentos portugueses, que no fim de vinte ou trinta anos regressem à pátria, ricos e sem saúde, compensem a perda dos quarenta mil, que durante esse largo período expiram longe dela.

Francisco Gomes de Amorim, *Aleijões Sociais*

Gomes de Amorim produziu outras obras literárias em que aborda a temática da emigração. Além das peças teatrais já mencionadas e as referidas cartas que escreveu ao seu mentor literário, é ainda possível lembrar as *Datas de família e lembranças acerca de meus filhos* (Amorim, 1887: 191-196), as considerações sobre a sua peça *Aleijões Sociais* (cf. Carvalho, 2000: 163-164) e, inclusive, os poemas de *Cantos Matutinos*.⁶ No romance *As duas Fiandeiras* (1881) aparece, por exemplo, um “brasileiro de torna-viagem”, isto é, um português que regressava rico do Brasil: Domingos Rosmaninho, cuja descrição retrata e recusa, ao mesmo tempo, o perfil grotesco traçado desta personagem-tipo que nos mesmos

⁶ Em *Cantos Matutinos* vejam-se os seguintes poemas: “O Desterrado”, “Quinze Anos”, “Meu Pai”, “O Céu é sua pátria”, “Amazonas”.

anos sobreabundava nas narrativas de Camilo Castelo Branco. Atente-se a esta comparação entre um Domingos “(...) elegante, de botas de polimento, fraque verde, com botões amarelos (...) lustroso como espelho” (Amorim, 1881: 172) e um João José Dias “(...) de estatura menos que meã, adiposa, sem proeminências angulares, essencialmente pançuda (...)” (Castelo Branco, 1986: 43, 44), retirada do romance *O que fazem as mulheres* que foi publicado, como *Cantos Matutinos*, em 1858. A caracterização do “brasileiro”, portanto, carecia de um “contraponto consistente” (cf. Baganha, 1981: 130), que relatasse também a experiência migratória vivida por esta personagem. A mensagem que passou da leitura destas obras foi outra, no prolongamento de um estereótipo em relação a um emigrante (o “brasileiro”) de que Camilo Castelo Branco representou maioritariamente o exemplo de sucesso.⁷

Nas inúmeras narrativas de Camilo Castelo Branco onde aparecem os “brasileiros”, tais como nos romances *Os Brilhantes do Brasileiro* (1869) e *Sentimentalismo e História* (1880), não são dadas informações sobre as experiências migratórias destas personagens, mas quase exclusivamente acerca do seu regresso: os “brasileiros” voltam ricos a Portugal e o Brasil, poderá também neste âmbito ser interpretado como um “espaço mágico de enriquecimento” (cf. Oliveira, 2004).

A escrita de Gomes de Amorim difere precisamente da de Camilo Castelo Branco e dos trajetos dos “brasileiros” que povoam os seus romances porque o “espaço mágico” nela é preenchido e narrado, contado em todos os seus detalhes como uma narrativa de história natural, seguindo o modelo de Humboldt em obras como *O Cedro Vermelho* ou em *Viagens pelo interior do Brasil*,⁸ ou ainda na introdução do romance supramencionado, e filtrado pelo compêndio discursivo da narração de viagem e de sobrevivência, como no caso do prefácio aqui em estudo. O mesmo escritor referir-se-á aos “brasileiros” por oposição à condição de emigrante que ele experienciou, como é evidente no texto referido em epígrafe a este subcapítulo, bem como neste trecho retirado do romance *As duas Fiandeiras*:

A emigração portuguesa, para o Brasil, é perfeito jogo de loteria. Por cada cem que se arriscam, volta um, raras vezes rico; mas, em geral, vem sempre doente para o resto da vida. Se há diferença entre esta roleta e a da Misericórdia de Lisboa, é que, na emigração, o numero branco é o mais feliz, o que volta; quase todos os que ficam, têm a sorte negra e atroz. (Amorim, 1881: 186)

O prefácio de Gomes de Amorim pode inscrever-se no contexto das representações românticas da América do Sul produzidas no Ocidente, bem como no Continente Americano. E aqui a comparação a fazer-se seria com a obra dos escritores brasileiros Gonçalves Dias e José de Alencar, ou ainda com a obra de outros escritores europeus que viajaram por este continente na mesma altura. O prefácio a *Cantos Matutinos* também assinala um desvio deste tipo de representações, pelo facto de o autor não empreender uma viagem ao Brasil como viajante, cientista ou poeta, mas reconhecendo-se como um emigrante. E aqui a comparação a fazer-se seria com os romances de Ferreira de Castro *Emigrantes* e *A Selva*, publicados na primeira metade do século XX por um escritor que, com Gomes de Amorim, partilha uma semelhante experiência migratória e percurso artístico.

O prefácio também representa um desvio do paradigma camiliano do “brasileiro de torna-viagem”, embora depois seja este último a tornar-se um modelo representativo dominante na

⁷ Sobre a caracterização da personagem do “brasileiro de torna-viagem” e os estudos que analisam esta personagem literária veja-se Matozzi, 2016: 19-78.

⁸ De assinalar que, enquanto cronista, Gomes de Amorim assinou, entre 1872 e 1873, algumas crónicas sob o título de *Viagens pelo Interior do Brasil*, publicadas em *Artes e Letras* (cf. Ribeiro, 1998: 123-124) e que podem ser lidos em Peixoto, 1973. O mesmo autor chegará a evidenciar a veracidade das descrições da Amazônia por ele documentadas, “[...] pensam que bastam dois troncos saindo de entre ramarias confusas, uns calabres de nota, e outros cabos de andaime, cruzado sobre eles, para fingir cipós [...] Ah! Se eles compreendessem que diferença vai do vivo ao pintado!” (Amorim *apud* Carvalho, 2000: 88) em oposição à dos artistas franceses, dando vida a um profícuo diálogo com o historiador e viajante Ferdinand Denis, que acabou por reconhecer a autoridade na matéria por parte do poeta português (cf. Carvalho, 2000: 88, 89).

literatura portuguesa, recorrentemente reproduzido, criticado e reescrito até a contemporaneidade.

Em conclusão, tratar-se-á de um texto que oferece um olhar próprio e original ao caracterizar a temática migratória, no contexto de uma ambiguidade colonial inerente a um império europeu periférico que se imaginou e “imagina como centro” de diferentes formas ao longo dos séculos (cf. Ribeiro, 2004).

Será talvez um prefácio que valha a pena recuperar de uma amnésia transcultural inerente as escritas da migração portuguesa. Nele, além da moldura de uma narração de inocente anticonquista, é possível vislumbrar o testemunho literário de um emigrante que, de torna-viagem, se tornou poeta.

Bibliografia

Obras de Francisco Gomes de Amorim

Amorim, F. G. de (1870). *Aleijões Sociais*. Lisboa: Tipografia Universal.

– (1881). *As duas Fiandeiras*. Lisboa: David Corazzi Editor.

– (1874a). *Cantos Matutinos*. 3ª ed. Porto: Livraria Chardron.

– (1845). “Cartas a Almeida Garrett”. In Carvalho, C. (2000). *Aprendiz de Selvagem. O Brasil na vida e na Obra de Francisco Gomes de Amorim* (pp. 229-234). Porto: Companhia das Letras.

– (1889). “Carta de 1 de Março de 1889”. In Carvalho, C. (2000). *Aprendiz de Selvagem. O Brasil na vida e na Obra de Francisco Gomes de Amorim* (pp. 389-391). Porto: Companhia das Letras.

– (1874b). *O Cedro Vermelho*. Lisboa: Imprensa Nacional.

– (1887). “Datas de Família e Lembranças acerca de meus Filhos”. In Carvalho, C. (2000). *Aprendiz de Selvagem. O Brasil na Vida e na Obra de Francisco Gomes de Amorim* (pp. 191-196). Porto: Companhia das Letras.

– (1876). *Frutos de Vário Sabor*, Lisboa: Imprensa Nacional. In Carvalho, C. (2000). *Aprendiz de Selvagem. O Brasil na vida e na Obra de Francisco Gomes de Amorim* (p. 166). Porto: Companhia das Letras.

– (1869). *Ódio de Raça*. Lisboa: Tipografia Universal.

Bibliografia Geral

Alves, J. F. (1993). *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto, Portugal [texto policopiado].

Baganha, Maria Ioannis (1981). “Uma Contra-Imagem do Brasileiro”. *Revista de História Económica e Social*. (7), 129-137.

Bethencourt, F. e Chaudhuri, K. (dir.) (1998). *História da Expansão Portuguesa*. Vol. IV. Lisboa: Temas e Debates.

Brito, B. G. de (1982). *História Trágico-Marítima*. Mem Martins: Europa-América.

Camões, L. de (2006), *Os Lusíadas*. Porto: Figueirinhas.

Capinha, Graça (2014). “Prefácio”. in Bosi, Alfredo, *Dialética da Colonização*. Lisboa: Glaciar.

Carvalho, C. (2000). *Aprendiz de Selvagem. O Brasil na vida e na Obra de Francisco Gomes de Amorim*. Porto: Companhia das Letras.

Castelo Branco, C. (1986). *O que Fazem as Mulheres*. Lisboa: Amigos do Livro.

– (1984). *Os Brilhantes do Brasileiro*. Lisboa: Círculo de Leitores.

– (1879). *Sentimentalismo e História*. Porto/Braga: Livraria Chardron.

Castro, F. de (1946). *Emigrantes*. Lisboa: Guimarães Editores.

– (1999). *A Selva*. Lisboa: Guimarães Editores.

Cohen, Robin (1996). “East-West and European Migration in a Global Context”. in Holmes, Colin (ed.), *Migration in European History*. Cheltenham: Edward Elgar. (I): 13-26.

Godinho, V. M. (1978). “L'Émigration Portugaise (XVe.— XXe. Siècles) — Une Constante Structurelle et les Réponses au Changement du Monde”. *Revista de História Económica e Social*, 2: 5-32.

Lourenço, E. (1999). “A Nau de Ícaro ou o Fim da Emigração”. In Lourenço, E. *A Nau de Ícaro. Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa, Gradiva: 43-53.

– (2014). “Brasil: Caução do Colonialismo Português”. In Lourenço, E., *Do Colonialismo como Nosso Impensado*. Lisboa: Gradiva: 21-35.

– (2013), “Psicanálise Mítica do Destino Português”. In Lourenço, E., *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Gradiva: 23-66.

Machado, I. J. de R. (2005). “O ‘brasileiro de torna-viagens’ e o lugar do Brasil em Portugal”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro (35): 47-67.

Matozzi, M. (2016), *Portugueses de Torna-Viagem. A Representação da Emigração na Literatura Portuguesa*. Tese de Doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa (Estudos Culturais). Universidade de Coimbra.

Oliveira, P. M. (2004). “Pescoceiras rorejantes de suor: os brasileiros de Camilo, uma teia atlântica”. *Anais do VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de ciências sociais*. Coimbra, 16, 17 e 18 de setembro de 2004, Coimbra. Consultado em Maio, 30, 2016, na base de dados <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel30/PauloMottaOliveira.pdf>

- Peixoto, J. (1973). “Novos elementos bibliográficos da obra de Francisco Gomes de Amorim. As suas descrições da região do Amazonas”. *Boletim Cultural*. Póvoa de Varzim: Vols. XI e XII.
- Pereira, M. H. (2002). *A Política Portuguesa de Emigração*. Baurau: EDUSC; Lisboa: Instituto Camões.
- Pessoa, F. (1978). *Sobre Portugal – Introdução ao Problema Nacional*. Lisboa: Ática.
- Pinto, F. M. (1983). *Peregrinação*. Mem-Martins: Europa-América.
- Pratt, M. L. (1999). *Os Olhos do Império. Relatos de Viagens e Transculturação*. Baurau: EDUSC [Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre].
- Ribeiro, M. A. (1998). “Gente de Todas as Cores: Imagens do Brasil na Obra de Francisco Gomes de Amorim”. *Máthesis*: 117-164.
- e Oliveira, F. M. (2000). “De escravo branco a escritor europeu”. in Amorim, Francisco Gomes de, *Teatro*. Braga: Angelus Novus: IX-LIII.
- Ribeiro, M. C. (2004). *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*. Porto: Afrontamento.
- Santos, B. de S. (2002). “Between Prospero and Caliban: Colonialism, Postcolonialism, and Inter-identity”. *Luso-Brazilian Review* (2): 9-43.
- Saraiva, A. J. e Lopes, Ó. (2008). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Serrão, J. (1974). *Emigração Portuguesa: Sondagem Histórica*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Zurara, G. E. de (1973). *Crónica de Guiné*. Porto: Livraria Civilização.